



AS MEMÓRIAS E A CLASSE TRABALHADORA: TERRITÓRIOS ENREDADOS DE TENSÕES E DISPUTAS

CUNHA, Charles Moreira¹

SANTOS, Geraldo Márcio²

De que servem as memórias das classes trabalhadoras? São fontes que nos permitem confrontar ou conformar com o mundo que conhecemos e vivemos hoje e do por vir? São elas potentes, reveladoras, ou, mortas, silenciadas, esquecidas e inúteis?

São perguntas que não envelhecem, mas que muitos teimam em esquecer. A memória, portanto, atravessa o trabalho como pertinência e como contradição. Para o Campo Trabalho e Educação é caro continuar tratando da relação trabalho e memória no duplo desafio de acessar o que ainda não sabemos, bem como evitar que caia no esquecimento o que já se sabe e que muito da história do trabalho pode estar na memória das pessoas. Cremos que apagar as memórias de trabalhadoras e trabalhadores ameaça às lutas democráticas e populares! Esquecer é um projeto de dominação a se inculcar para a reprodução da própria dominação, banalizar o vivido, desprestigiar, silenciar. O que nos desafia é a defesa das memórias das lutas sociais por dignidade e não por subserviência.

Nesse sentido, reconhecendo a importância da relação trabalho e memória, a Revista Trabalho e Educação do Núcleo de Estudos sobre Trabalho e Educação – NETE abre uma nova seção em sua edição com uma entrevista por publicação a partir da qual teremos abertura para novas fontes históricas, novos problemas de pesquisas e acessar um conteúdo que contribua para uma história do trabalho com a memória de trabalhadoras e de trabalhadores.

O trato com a memória do trabalho pela via da entrevista não retira os cuidados e os percalços da fonte oral. Porém, cumpre um recurso de acessar o que não está disponível em outras fontes. Também, permite reconhecer pela memória o que já disse Hobsbawm (1984), que são mundos do trabalho. Assim, sem exagero, podemos dizer que são muitas as memórias do trabalho.

1 Doutor em Educação no programa “Conhecimento e Inclusão Social” pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professor adjunto da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Coordenador e Professor da linha de pesquisa Trabalho e Educação do Mestrado Profissional da Faculdade de Educação. E-mail: charlesmcunha@gmail.com

2 Torneiro Mecânico Senai, Técnico Mecânico CEFET-MG, Licenciado em História (UniBh), Mestre em Educação (FaE/UFMG), Doutor em Educação (UFF) e Professor Adjunto do Departamento de Administração Escolar, Faculdade de Educação da UFMG. E-mail: gemarcio2000@yahoo.com.br

Para a classe trabalhadora, a memória pode conter uma dificuldade objetiva que é a carência de registros materiais, fotos, filmes, livros, ou monumentos como diria Le Goff (2013). Essa carência pode ser por uma ausência de recursos para registrar, ou por mecanismos de silenciamentos que buscam ocultar ou destruir a presença de trabalhadoras e trabalhadores na história.

A memória diz respeito, tanto ao feito, ao realizado e ao vivido. Contudo, Daniel Aarão Reis (2004) lembra que a memória “revela, mas também silencia” e seria o único jogo em que derrotado de ontem pode ser o vitorioso de amanhã. Portanto, o feito, o realizado e o vivido podem ser recontados.

Para o Campo Trabalho e Educação, em seu débito com as reflexões de Marx (1985), o Trabalho Vivo é quem produz a riqueza social, portanto, há de se saber mais sobre o fazer do trabalho. Sob a batuta de Thompson (1981, 1987), também podemos considerar que a experiência do trabalho extrapola o espaço e o tempo da atividade de trabalho, atravessando as relações sociais da vida ampla fora do trabalho.

São essas algumas das questões que a revista Trabalho e Educação abre uma nova seção de investigação e divulgação, intentando trazer às vistas, no presente, os olhares inquietos que nos permite compreender os enredos que compõem a complexa trama do trabalho humano, seus territórios tensos e disputados, sobretudo pelas potencialidades transformadoras. Consciências e memórias é o que queremos com essa nova seção.

As memórias das classes trabalhadoras revelam esses territórios múltiplos. Saberes do trabalho, greves, organização sindical, livros, teses, artes gráficas, literaturas, poesias, imprensa, música, dança, fotografias, filmes, culinárias, cidades inteiras, campos de roças, plantios, tecnologias de toda sorte, ferramentas, artefatos, máquinas, solidariedades, socorros, saúde, beleza, moda, enfeites, engenharias, medicinas, medicamentos, transportes aéreos, marítimos, terrestres, habitações e construções hospitalares, museus, fábricas, usinas, aeroportos, portos, movimentos de dignidades, anti-pobrezas, anti-guerras, anti-opressões, anti-esquecimentos.

São essas as experiências das classes trabalhadoras que construíram esse mundo, e são elas que são disputadas pelas elites que tem logrado em parte os esquecimentos, esses, compõem parte importante das reproduções que permitem a perenidade das relações de poder atravessarem tempos e espaços. Há uma disputa sob e sobre essas memórias e que nós decidimos confrontar.

Inauguramos essa seção da Revista Trabalho e Educação do Núcleo de Estudos sobre Trabalho e Educação – NETE, com a entrevista feita por uma pesquisadora e dois pesquisadores, participantes e conhecedores do mesmo campo de pesquisa da professora e pesquisadora Antônia Vitória Aranha.

A entrevista revela o engajamento da pesquisadora em diversas lutas da classe trabalhadora seja pelos direitos à dignidade e contra os mais diversos processos de expropriação do trabalho humano, bem como pelos saberes e lutas pelas liberdades de viver em sua plenitude, pelos sonhos de construção de outra vida coletiva justa.